

UBERIZAÇÃO E/OU BOLHA DA SERVIDÃO: UMA VERIFICAÇÃO SOBRE O TRABALHO DOS MOTO-ENTREGADORES NO ESPAÇO METROPOLITANO DE BELÉM-RMB

UBERIZATION AND/OR SERVITUDE BUBBLE: AN ASSESSMENT ON THE WORK OF MOTORCYCLE DELIVERY DRIVERS IN THE METROPOLITAN AREA OF BELÉM-RMB

UBERIZACIÓN Y/O BURBUJA DE SERVIDUMBRE: UNA VERIFICACIÓN DEL TRABAJO DE MOTOCICLISTAS DE ENTREGA EN EL ESPACIO METROPOLITANO DE BELÉM-RMB

Raimundo Sócrates de Castro Carvalho¹

socratesufpa@gmail.com

Resumo: O presente artigo versa sobre o trabalho uberizado a partir da realidade dos moto-entregadores de aplicativos no espaço metropolitano de Belém-RMB, tendo por base as transformações do mundo trabalho, considerando-se a reestruturação produtiva, a flexibilização das leis trabalhistas e a precarização do trabalho. Trata-se de uma metodologia descritiva, bibliográfica e de pesquisa de campo. A proposta do artigo é tecer reflexões acerca das condições de reprodução social dos trabalhadores uberizados, que buscam alternativas diante da realidade do desemprego estrutural, impresso na lógica neoliberal e dos processos de globalização, que exteriorizam a desigualdade e a exclusão social nos processos espaciais de produção e reprodução do capital.

Palavras-chave: Trabalho. Uberização. Moto-entregadores. Reestruturação produtiva. Precarização.

Abstract: This article discusses the uberized work from the reality of application motorcycle delivery drivers in the metropolitan area of Belém-RMB, with basis on the changes in the world of work, considering the restructuring of production, as well as the flexibilization of labor laws and the precariousness of work. To do so, the research was conducted with descriptive, bibliographic and field research methodologies. The purpose of this article is to reflect on the conditions of social reproductions of uberized workers, who seek alternatives to the reality of structural unemployment, imprinted in the neoliberal logic, and of globalization processes, which externalize the social inequality and the social exclusion in the spatial processes of capital production and reproduction.

Keywords: Work. Uberization. Motorcycle delivery drivers. Restructuring of production. Precariousness.

Resumen: El presente artículo aborda el trabajo uberizado a partir de la realidad de los motociclistas de entrega de aplicaciones en el espacio metropolitano de Belém-RMB, con base en las transformaciones en el mundo del trabajo, considerando la reestructuración productiva, la flexibilización de las leyes laborales y la precarización del trabajo. Se trata de una investigación con metodología descriptiva, bibliográfica y de campo. El propósito del artículo es reflexionar sobre las condiciones de reproducción social de los trabajadores uberizados, quienes buscan alternativas ante la realidad del desempleo estructural, impreso en la lógica neoliberal, y ante los procesos de globalización, que externalizan la desigualdad y exclusión social en los procesos espaciales de producción y de reproducción del capital.

Palabras clave: Trabajo. Uberización. Motociclistas de entrega. Reestructuración productiva. Precarización

¹ Docente do Curso de Geografia da UFPA Campus de Ananindeua – PA e discente do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPA.

INTRODUÇÃO

O presente artigo percorre caminhos metodológicos operativos por meio de investigações descritivas e explicativas, com o intuito de trazer à luz questões que versam sobre as dinâmicas de trabalho dos moto-entregadores de delivery, a partir dos aplicativos (*Ifood, Uber Eats e Rappi*) no espaço da Região Metropolitana de Belém (RMB). Tendo como propósito refletir sobre as expressões da questão social do trabalho precário dessa atividade no espaço, a fim de compreender sua realização, vivências, concepção e percepção, no âmbito do trabalho uberizado.

Para tanto, a pesquisa considerou as maneiras e formas nas quais esses trabalhadores exercem seus metabolismos de trabalho, suas condições de trabalho, renda, etc., como elementos que, de maneira direta, vinculam-se à sua forma de existência e reprodução social e suas realizações a partir do espaço. Nesse sentido, o estudo proposto está vinculando reflexão e compreensão da condição de sua realização, em meio da atual ação de valorização do capital, em que as condições impressas pelas necessidades de garantir a pilhagem são verificadas na conjuntura atual.

Nessa conjuntura, encontramos as expressões da reestruturação do capital e a busca perversa pela realização da desregulação das condições de trabalho, possibilitadas pelo Estado, que atende as demandas do capital na realização dos modos de fragilização e flexibilização dos processos produtivos na perspectiva neoliberal, e mesmo da globalização.

Em meio a essa perspectiva de investigação do trabalho informal no setor de serviços e suas consequências de precariedade, serão representadas mediante a escala imbricada no espaço metropolitano de Belém. Sobre a amostra do processo investigativo do artigo em tela, a pesquisa foi assim delimitada: o número de 30 investigados na cidade de Belém; 20 na cidade de Ananindeua; assim como 04 entrevistas distribuídas em cada um dos municípios que compõem o espaço metropolitano (Marituba, Benevides, Santa Bárbara e Santa Isabel), perfazendo o total de 16 sujeitos entrevistados.

Mediante a escolha do universo pesquisado, ressaltamos que foi utilizada a nomenclatura dada aos entrevistados como forma de garantir sua integridade e anonimato. Sendo assim, decidimos, como instrumental metodológico, pela substituição dos seus reais nomes por nomes de marcas de motocicletas e bicicletas, visto que estes eram os seus principais instrumentos, tanto no trabalho como fora dele.

A amostra investigativa que apresentaremos em seguida foi coletada nas principais avenidas e ruas, a partir da escala delimitatória, vinculadas ao espaço Metropolitano de Belém,

pois compreendemos que as delimitações foram possibilitadas através da prévia observação, como etapa da elaboração da pesquisa, que constitui a base investigativa deste breve estudo.

A elaboração da condição de método e afeições teóricas que possibilitaram o estudo está vinculada ao materialismo histórico, assim como às interpretações e análises da geografia crítica, que inspiraram a nossa investigação, auxiliando na elaboração do estudo proposto.

Nesse sentido, buscamos desenvolver o estudo por meio da movimentação do geral, passando ao particular e ao específico, ou seja, partimos da compreensão do trabalho na sua condição de centralidade na afeição de humanização, assim como exercendo reflexões acerca da centralidade do trabalho, a partir da reestruturação e flexibilização do capital, até a percepção específica da situação trabalho dos moto-entregadores no espaço metropolitano de Belém.

A realização do capital no momento das intercaladas predatórias do neoliberalismo e da globalização, de forma geral, atingem dimensões territoriais e do espaço, em que a relação entre capital e trabalho confirma os processos de superexploração, manifestados no espaço. Principalmente se relacionamos a compreensão da tríade de conhecimento produzido em geografia a partir do vivido, concebido e percebido, no tocante às dinâmicas do trabalho precário dos moto-entregadores no espaço metropolitano de Belém.

A ESCALA DE INVESTIGAÇÃO: INFORMAÇÕES E ESCLARECIMENTOS SOBRE A RMB

Nesta seção, apresentamos algumas questões da delimitação direcionada a investigar o trabalho precarizado dos moto-entregadores no espaço metropolitano, certos que as interlocuções trazem esclarecimentos no sentido da delimitação dessa escala de investigação. O objetivo é delimitar com maior precisão que o estudo proposto não irá trazer à luz e com profundidade investigações acerca da Região Metropolitana de Belém.

Isso porque compreendemos que estudiosos dessa temática, os quais estudam os preâmbulos e a importância dos processos e metamorfoses da RMB, já constituíram de forma contundente, por meio de estudos dos processos histórico-geográficos (que constam com registros dos problemas de gestão nas relações federal, estadual e municipal), dados e investigados a partir das legislações em âmbito do Estatuto das Cidades e dos Planos Diretores. Além disso, há vastos estudos acerca do papel e do crescimento das cidades que perpassam ao surgimento da cidade de Belém, seu processo de urbanização e dispersão territorial, assim como das demais cidades que compõem a RMB.

Diante das considerações sobre a escala de estudo, podemos, de imediato, interpor que o crescimento populacional e todos os demais eixos de constituição de fluxos e suas dinâmicas possibilitaram novas centralidades, as quais determinaram a concentração e a dispersão que reverberaram na consecução da RMB, sobretudo se compreendermos as etapas e intenções que foram sendo constituídas, pois Belém e Ananindeua, inicialmente, conformaram a RMB, acompanhada pela institucionalização governamental em nível federal. No entanto, a partir da Constituição Federal de 1988, delegou-se às Unidades Federativas a organização das cidades em regiões metropolitanas

Assim, por meio da Lei Complementar Estadual nº 27/1995, são incluídos mais três núcleos urbanos à área metropolitana: Santa Bárbara do Pará, Benevides e Marituba. Mais recentemente, foi exercida a inclusão de Santa Izabel e Castanhal, nos anos de 2010 e 2011, reciprocamente.

A NOVA CLASSE QUE VIVE DO TRABALHO

No cenário atual, a terceirização pode ser definida como a consequência mais atroz do processo de flexibilização da produção, realidade que, no quadro geral, Harvey (2011) aponta e compreende. Pois tal transformação, percebida no sentido crítico das artimanhas e meios para que o capital prossiga com seus atentados em relação às formas de superexploração, possibilita-nos compreender que a terceirização é o principal caminho adotado para que o capital desvie dos propósitos legais, que historicamente garantiu os processos de trabalho, bem como de sua legalidade no tocante a conquistas históricas dos direitos trabalhistas e sociais.

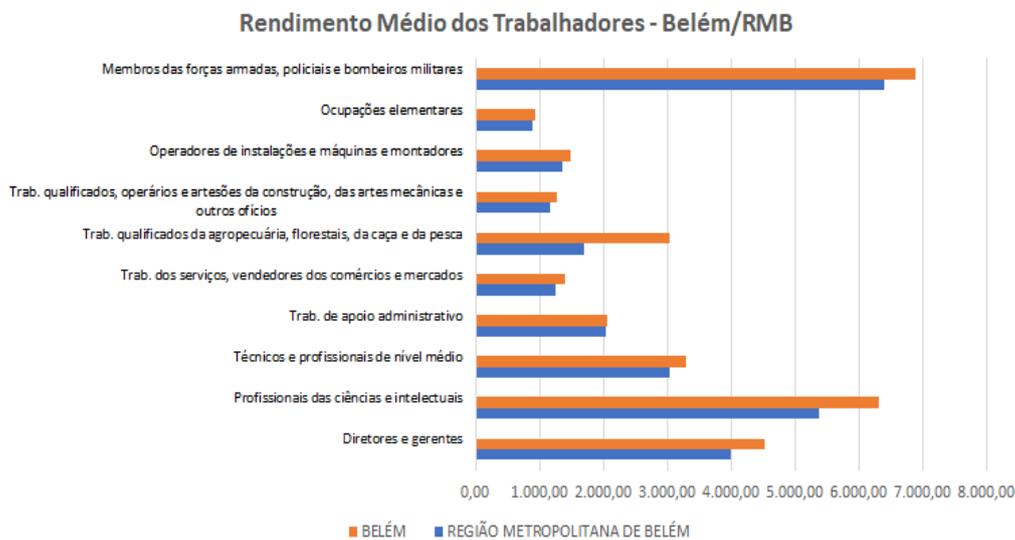
A terceirização como meio de “renovar” a exploração, enxugamento dos gastos e da fuga das responsabilidades do capital, repassando-as a terceiros, não altera a lógica entre capital e trabalho, pois as contradições continuam as mesmas. Por mais que haja a figura do terceirizado, sua função é garantir mão de obra à empresa contratante.

Para tanto, necessitamos compreender a condição precarizante e, ao mesmo tempo, alienadora das identidades, haja vista a maximização dos trabalhadores terceirizados nos espaços de trabalho, sejam eles privados ou públicos. Este atenta e redimensiona as relações e as condições dos trabalhadores, já o metabolismo da sociedade capitalista é o mesmo, pois consiste na produção – circulação – de mercadorias em um círculo perene, cujo objetivo central é a acumulação e a pilhagem, por meio do sobretrabalho que é fomentado pelo trabalho abstrato e pela mais-valia relativa.

Tendo por base a compreensão dada anteriormente, convém ressaltar a percepção de Antunes (2018, p. 167), principalmente quando se percebe as condições do trabalho terceirizado, pois este aguçã as diferenças nos níveis de salários, nas jornadas mais prolongadas, na intensidade, na rotatividade, nas condições de insegurança e insalubridade, adoecimentos, entre tantos outros aspectos.

O processo de exploração por meio do trabalho coletivo dado pela tríade: trabalhadores, instrumentos de trabalho e capital, passa a ser exercido de forma deplorável, uma vez que a terceirização é acompanhada de condições precárias e de superexploração. Isso se deve ao fato de que os trabalhadores terceirizados, além de ganharem os menores salários, trabalham mais, vivenciam mais a instabilidade, gozam de menos direitos, e ainda são os que mais morrem e se acidentam nos locais de trabalho. Essas vulnerabilidades e a maior exposição aos riscos decorrem exatamente dessa condição mais precária de trabalho. Levando em conta as condições aviltantes refletidas, podemos observar os valores de rendimento do setor de serviços e informalidade, a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2000), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no espaço metropolitano de Belém, conforme os dados do gráfico 01.

Gráfico 01 – Rendimento médio dos trabalhadores



Fonte: elaborado pelos autores com base em PNAD/IBGE (2020).

É importante compreender os caminhos e descaminhos dos direitos e garantias legais do trabalho e seu redirecionamento territorial no cenário atual, que mutilou as principais características das formas de trabalho na perspectiva taylorista, nas décadas de 1960 a 1980, que, convenhamos, naquele momento nascedouro, era disciplinador das condições de trabalho, no tocante ao seu valor metabolizador de reprodução das condições físicas do

homem, considerando-se as relações de venda e troca do seu trabalho mediante o ato de produzir, garantindo ao capital os meios necessários para efetivar a mais-valia e a pilhagem.

Não afirmamos diretamente que as necessidades do capital na percepção da visão taylorista, como modelo de exploração do capital, existia qualquer compaixão por parte do capital. Só há a necessidade de nos atermos ao modelo taylorista, no sentido de que se posicionava contra as relações de trabalho que burlavam as relações contratuais de trabalho e de suas garantias.

A concepção taylorista detinha a preocupação sobre o entendimento de que os trabalhadores vendiam sua força de trabalho em troca de salários, e que essa relação de troca se revertia no metabolismo de circulação das mercadorias, ou seja, na tríade D-M-D (dinheiro-mercadoria-dinheiro).

Com o advento dos processos de flexibilização, o que se vê é a deploração dessa lógica pétrea do próprio capital, pois, como vimos, a terceirização e seus desdobramentos promovem quebras de tais parâmetros legais. Também provocam o crescimento da própria informalidade, que, por último, tem apresentado um quadro de desregulação e de incertezas na reprodução social dos indivíduos na sua totalidade.

Diante do que tratamos até o presente momento, fica evidente que as ações intentadas pelo capital de forma alguma promoveram as interlocuções de certos estudiosos que pregam o fim do trabalho. Pelo contrário, o trabalho não perdeu sua centralidade, pois, na verdade, o que se vem presenciando são formas diferenciadas da sua ação compósita, em relação à exploração e beligerância de subsunção do capital. Obras como *Adeus ao Trabalho*, *O caracol e sua concha* e o *Privilégio da Servidão*, de Ricardo Antunes, possibilitam tal compreensão, ao mesmo tempo em que promovem uma aproximação com o nosso objeto de estudo, pois a precarização advinda dos processos de transformações das bases produtivas possibilitaram compreender a situação do trabalho precário dos moto-entregadores envolvidos nas plataformas de aplicativos de *delivery*.

O cenário que buscamos entender, neste artigo, a respeito das atuais condições de trabalho, vincula-se à reflexão de Antunes (2018), na citação destacada abaixo:

Contrária da eliminação completa do trabalho pelo maquinário informacional-digital, estamos presenciando o advento e a expansão monumental do novo proletariado da era digital, cujos trabalhos, mais ou menos intermitentes, mais ou menos constantes, ganharam novo impulso com as TICs, que conectam, pelos celulares, as mais distintas modalidades de trabalho. Portanto, em vez do fim do trabalho na era digital, estamos vivenciando o crescimento exponencial do novo proletariado de serviços, uma variante global do que se pode denominar escravidão digital. (ANTUNES, 2018, p. 35).

Nesse sentido, vale lembrar os posicionamentos e percepções de Sorj (2000), haja vista que as interpretações deferidas acerca das mudanças dadas no mundo do trabalho não apontam a redução e/ou importância da centralidade do trabalho nas sociedades contemporâneas, como já mencionado anteriormente, para o autor, o trabalho mantém o seu papel central. Nessa perspectiva, ressaltamos os argumentos de Antunes (2009), de acordo com o autor, a partir do novo regime de produção capitalista, a classe de trabalhadores assume uma nova morfologia, passando a ser composta tanto pelo proletariado industrial urbano e rural clássicos, como pelos novos trabalhadores subcontratados, terceirizados e informalizados, aqui incorporados os trabalhadores plataformizados ou uberizados.

Nesse meandro, compreendemos a necessidade de procurarmos, por meio desse quadro de alteração dos significados do mundo do trabalho e de sua base técnica. Também se faz necessário redimensionarmos os estudos e ficarmos atentos às expressões dessas formas de trabalho, pois estes deixam de existir, enquanto modelo assalariado, tão somente para assumir formas amplas de relações desregulamentadas e precarizadas que se dão em meio à produção do espaço.

O SENTIDO DA UBERIZAÇÃO: PRECARIZAÇÃO E/OU ESCRAVIZAÇÃO

A partir das concepções apresentadas até então, buscaremos uma melhor compreensão da expressão do trabalho dos motos-entregadores, os quais executam suas atividades laborativas a partir dos aplicativos e plataformas de serviços de *delivery* (*Uber Eats, Ifood, 99food e Rappi*) no espaço metropolitano de Belém. A condição da produção do espaço, na qual essa expressão do trabalho precarizado se encontra, possibilita compreendermos como se desenvolve esse tipo de trabalho, que está sob a ótica dos serviços para uso capitalista. De certa maneira, são sinais diretos das consequências da crise estrutural do emprego, como tentamos referenciar anteriormente.

As condições direcionadas aos moto-entregadores nos possibilitam a compreensão plausível de um segmento de trabalho enquadrado no contexto da informalidade, principalmente pela realidade na qual esses trabalhadores se apresentam. Nesse viés, tendo por base todo o exposto no pretenso estudo, podemos citar Filgueiras, Druck e Amaral (2004, p. 215), em suas verificações conceituais, os quais afirmam que a informalidade é identificada “com todas as formas e relações de trabalho não fordistas”, incorporando “tanto as atividades e formas de produção não tipicamente capitalistas, sejam elas legais ou ilegais,

quanto as relações de trabalho não registradas, mesmo que tipicamente capitalistas (assalariados sem carteira assinada)”.

O artigo não visa investigar a informalidade na sua profundidade, ou seja, nossa intenção não foi traçar um panorama amplo da informalidade, e sim buscar entender a variável constituída através do crescimento do setor de serviços, mais precisamente a formação e a realidade dos trabalhadores autônomos, que se encontram na atividade de moto-entregadores na Região Metropolitana de Belém. Com isso, visamos compreender as condições, realidades e dinâmicas e, principalmente, vislumbrar como essa modalidade se constitui no processo de produção do espaço metropolitano.

Com esse propósito, desenvolvemos algumas indagações e questões, a partir da realidade desses trabalhadores, que de certa forma propícia aprofundar, expressões da questão social que é percebida na formação do espaço pela contradição entre capital e trabalho. Com esse foco, suscitamos questões a serem respondidas: Como os trabalhadores e as trabalhadoras informais da rede de serviço garantem sua reprodução social? Quem são e quais são os seus rendimentos? Como eles servem e se servem em meio ao espaço metropolitano? Onde moram? Que serviço eles acessam? Como eles compreendem a sua condição de trabalho e as relações de identidade em meio ao trabalho precário?

MOTO-ENTREGADORES NO ESPAÇO METROPOLITANO - RMB: DOS FIXOS AOS FLUXOS

Diante do exposto, buscamos refletir sobre as condições de trabalho dos moto-entregadores no espaço metropolitano de Belém, uma realidade que, ainda de forma preliminar, percebe-se em um quadro de reestruturação e suas formas de (re)existência como meio de sobrevivência, devido ao quadro mais amplo do processo de desemprego estrutural. Perante as expressões atuais de exploração e da degradação excludente do capital, no que diz respeito a sua exteriorização, o processo do espaço, cada vez mais, imprime novas centralidades diferenciadas aos espaços de identidades de trabalho e de reprodução social, de acesso aos equipamentos públicos e ao direito à cidadania.

Compreender a realidade desses trabalhadores em meio aos processos socioespaciais, vincula-se ao sentido de que a garantia do trabalho por eles desenvolvido no ato de sua materialização é exercida através dos fixos constituídos no âmbito territorial das cidades, em meio às dinâmicas de circulação das mercadorias, ou seja, seus fluxos se dão pelas atividades de serviços.

Essas atividades são realizadas nas diferenciações constituídas nos bairros, das centralidades, dos fixos constituídos nas dinâmicas do espaço. etc. Logo, percebemos, nos momentos de nossa investigação e pesquisa, que as condições de trabalho e as dinâmicas de reprodução social desse segmento de trabalhadores é ainda mais intensa nesses estratos precarizados da força humana de trabalho.

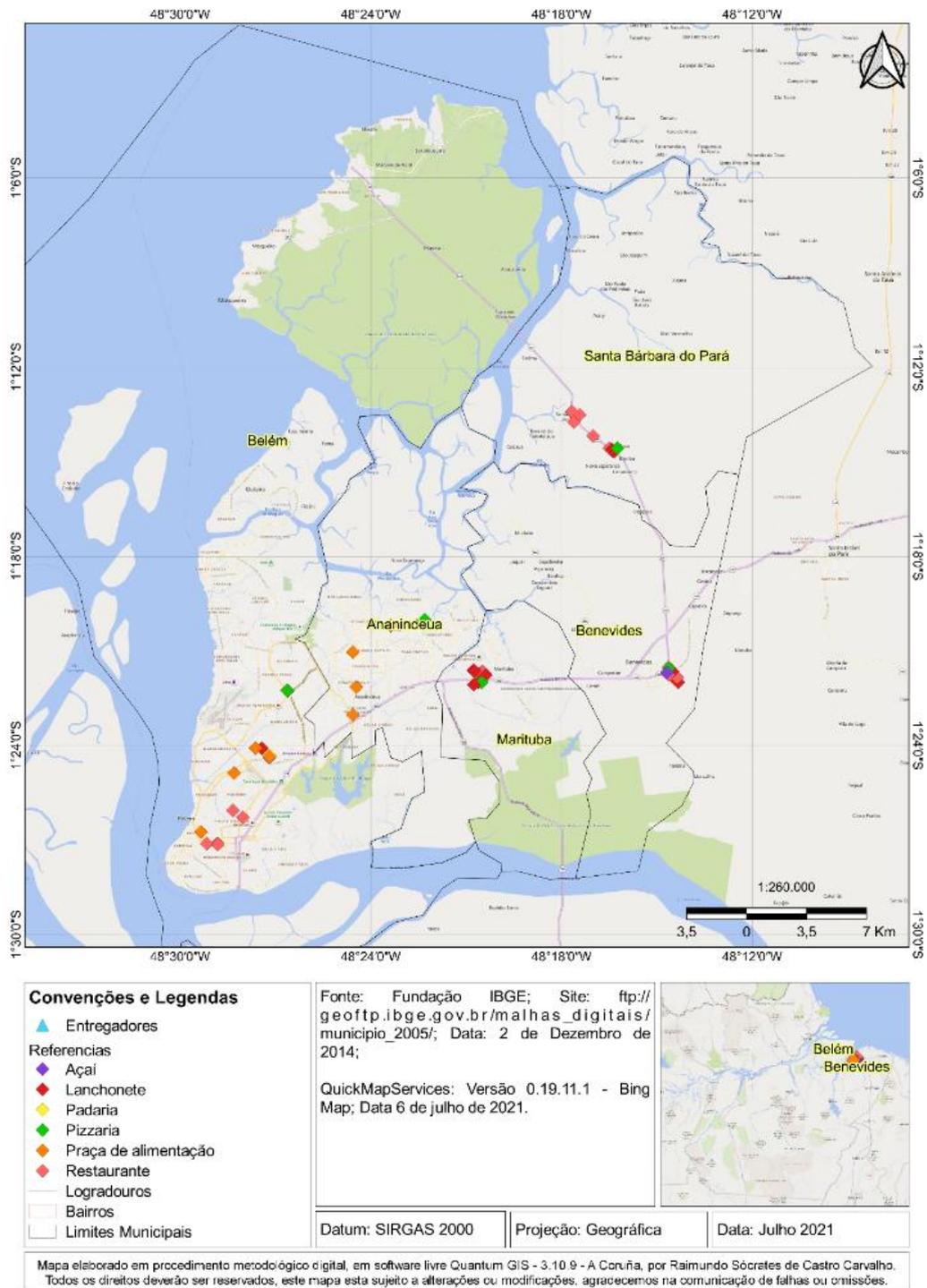
Isso porque esses trabalhadores vivenciam as condições mais desprovidas de direitos, além da instabilidade cotidiana dada pelo trabalho *part time*, temporário, precarizado. Sem mencionar os crescentes contingentes que vivenciam o desemprego estrutural, assim como os riscos do dia a dia, vinculados aos deslocamentos da moradia desses trabalhadores, que vão aos espaços do centro metropolitano, ou mesmo das centralidades exercidas nos diversos espaços da cidade em sua totalidade.

Nesse sentido, é fundamental entender as dinâmicas territoriais exercidas pelo trabalho dos moto-entregadores que exteriorizam relações sociais específicas, e que são interpostas pela realidade excludente e precarizante gerada pelo capital na atualidade, assim como as demais ações e sentidos das identidades, dos direitos, da circulação, das apropriações, dos processos de exclusão, das segregações, das próprias contradições do capital.

Por outro lado, apontam a materialidade dos processos de produção do espaço, em que o olhar da ciência geográfica se faz imprescindível, no ato de conhecer e perceber como tudo se exterioriza através dos princípios verificáveis, a partir dos aportes teóricos e metodológicos realizados no âmbito do conhecimento geográfico, a partir do vivido, percebido e concebido, em suas ações empíricas.

Diante disso, podemos perceber na figura 01, a seguir, o mapa da realização da atividade dos moto-entregadores, a partir do eixo da BR-316 como vetor de conexão das dinâmicas espaciais do espaço metropolitano de Belém – RMB, onde também podemos visualizar os processos dos fluxos das atividades do trabalho plataformizados no referido espaço, bem como os fixos que determinam as dinâmicas de tal atividade.

Figura 1 - Mapa das dinâmicas de entrega na RMB.



Fonte: elaborado pelos autores.

Nessa trajetória, o trabalho dos moto-entregadores necessita de compreensão, por meio da dimensão do espaço, que perpassa o vivido na sua determinação histórica, o concebido e a realidade percebida, definida pela sua inserção como classe social e seu compromisso como grupo social. Dessa forma, o território é a categoria fundamental, pois permite observar que a espacialização da miséria do trabalho precário se territorializa a partir

das relações de poder, de domínio dos fluxos de mercado, que são controlados por quem domina os afluxos de capitais através da exploração e pilhagem possibilitados pela uberização.

A vinculação entre as dinâmicas escalares, que nos cobra entendimentos sobre o que se passa com os trabalhadores, com seus empregos, com sua saúde, com suas organizações, em nível local/regional/nacional [...] explicativas que indicam a fúria incontrolável do capital, de subordinar historicamente o valor de uso à lógica reprodutiva que o transforma em valor de troca e que deixa cicatrizes profundas nos indicadores sociais, nos patamares de exclusão, desemprego, descarte, fome, adoecimentos, acidentes com sequelas, mutilações, mortes etc. (THOMAZ JR., 2018, p. 33).

Em meio às transformações do trabalho, os sentidos necessitam ser compreendidos a partir das suas múltiplas faces no âmbito territorial, o que bem alude Thomaz Jr. (2018), já que a plasticidade do trabalho no âmbito do território vem acrescentando novos valores, sentidos e desafios para os sindicatos e centrais sindicais, porque os trabalhadores mudam de profissão, de lugar e de inserção territorial, nas disputas, por exemplo, por melhores salários, isto é, os trabalhadores são duramente atingidos, material e subjetivamente. Essa realidade impacta nos processos de TDR (Territorialidade, Desterritorialidade e Reterritorialidade).

Os esforços apontados nas pesquisas, no âmbito da Geografia do Trabalho, necessitam trazer à tona as conjecturas que possam contrapor às intencões do capital, promovidos por suas investidas no processo de reestruturação em que a tríade de urdidura, imersa na relação capital, trabalho e Estado, expressos nos propósitos do neoliberalismo, fragilizam as conquistas históricas dos direitos trabalhistas e suas identidades, obnubilando as organizações dos trabalhadores, seu sentido de classe e (des)realização.

Nesse ponto, compreendemos a continuidade da centralidade do trabalho, pois todos os estudos acerca do tema, que ora desenvolvemos, permitem-nos refletir a profundidade do interesse da categoria trabalho nos diversos campos das ciências. Entretanto, o intuito deste estudo não é criar outros estudos no âmbito da geografia, e sim saber que a geografia pode ser um elemento essencial para o campo de estudo na geografia do trabalho.

As indagações levantadas têm por base reflexões obtidas a partir de Thomaz (2003), quando aponta a questão da reestruturação, pois esta esfumou as identidades de classe como forma de precarizar e garantir a realidade de exploração; principalmente percebendo as fragilizações dadas no refluxo da organização sindical, em que as relações de lutas de identidades, dos acordos e convenções eram interpretados à luz dos direitos e unidades coletivas, realidade expressada agora individualmente pelas Centrais Sindicais; e demais

fragilidades no processo organizativo que passam a ser constituídas no chão fabril, indistintamente.

As necessidades de produção e reprodução do capital busca, na fragilização das condições imediatas do trabalho, o desmonte das formas de organização e a instalação da barbárie, que sela esse processo interminável de reconciliação com a irreformalidade do capital. Processo que jamais eliminará a miséria e a pobreza que recai sobre a maioria da humanidade, legitimando, para tanto, os diferentes estágios de dominação de classe, que nada têm de accidental. Se passarmos a trilhar as próprias percepções impetradas nas reflexões dadas por Mészáros (2011), perceberemos que há um monumental

processo autodestrutivo que significa nada mais que a liberdade alienante, porém absoluta, da expansão e acumulação do capital, independente das consequências. Um sistema reprodutivo desse tipo, operando sobre tal base, de princípios tão contraditórios, pode apenas implodir. (MÉSZÁROS, 2011, p. 24).

A fim de concluir esta seção, podemos citar Thomaz Jr. (2019), que sintetiza com precisão as reflexões aqui propostas:

Num mundo cada vez mais contaminado pela perversidade do processo de reprodução do capital e pelo embaralhamento ideológico e conceitual, teremos (temos) que reconhecer, desde já, por meio das fraturas que identificam um sem número de relações vivas (desconectadas) do trabalho, a malha de significados que pode repor em questão a ruptura com a lógica do capital, em escala mundial. Em Antunes (1999), temos as pistas para vincular a economia informal à terceirização, subcontratação, trabalho temporário, parcial, precário, desemprego estrutural. Quer dizer, é esse processo de fragmentação da classe trabalhadora em diversos segmentos que tem prejudicado o entendimento de pertencimento de classe, diante dessa realidade movediça. (THOMAZ JR., 2009, p. 43).

A REALIDADE E DETERMINAÇÕES DO TRABALHO UBERIZADO NO ESPAÇO METROPOLITANO DE BELÉM - RMB

Retomando o recorte e escala do estudo em tela, verificamos que na cidade de Belém, a partir dos momentos da observação (como variável da investigação empírica e em âmbito metodológico), os bairros de Nazaré, Umarizal, Marcos, Fátima e Marambaia representam os principais processos de realização das dinâmicas de trabalho desse segmento de trabalho precário. A razão disso é que esses bairros propiciaram exercer a investigação dos fixos e fluxos que dimensionam as atividades dos moto-entregadores na cidade, a partir das avenidas: Nazaré, Doca de Souza Franco, Duque de Caxias, João Paulo II e Augusto Montenegro.

No caso da cidade de Ananindeua, desenvolvemos a investigação nos Bairros da Cidade Nova e Centro, principalmente através das vias Arterial e BR-316, que perfazem a

área urbana da cidade, localizando-se no centro territorial do município e abrigam os bairros citados.

No que concerne às percepções empíricas observadas nas dinâmicas do objeto de estudo, na escala de recorte de investigação (RMB), não constatamos o pleno desenvolvimento da atividade de trabalho uberizado, por mais que alguns empreendimentos façam parte do aplicativo, com a disponibilidade de entrega, não se denota a presença de entregadores cadastrados. Isso se deu nas cidades de Santa Barbará do Pará, Marituba e Santa Izabel, nas quais se revelou inoperante nos moldes e pressupostos operacionais dos instrumentos metodológicos investigativos do estudo que elegemos em nossa pesquisa. Para tanto, apresentaremos dados importantes desses espaços, a partir da cartografia constituída pelos dados do IBGE e dos *softwares* livres.

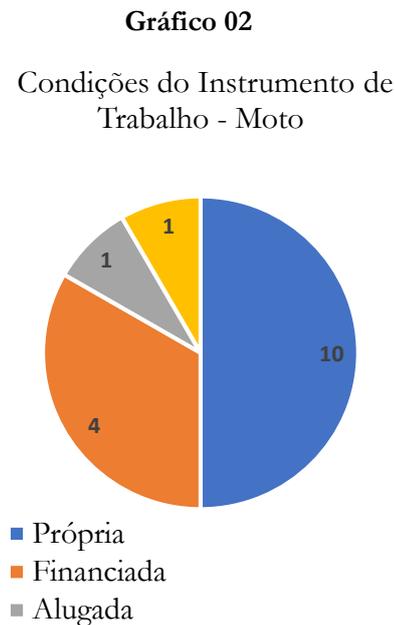
Por esse motivo, replanejamos a pesquisa, desenvolvemos roteiros de entrevistas como instrumento para ser aplicado com os moto-taxistas, que desenvolvem suas atividades no dia a dia de trabalho, levando passageiros e, em momentos esporádicos, exercem a atividade de entrega de pedidos, quando solicitado pelos proprietários de restaurantes locais.

Segundo relatos e informações dos proprietários locais, no geral, não acessam as plataformas porque as dinâmicas dos pedidos são mais recorrentes aos finais de semana, ao mesmo tempo, eles não veem lucros com os aplicativos, já que a cobrança pelo serviço de entrega faz encarecer os valores dos pedidos. Por esse motivo, optam pelo pagamento de diária aos moto-taxistas da localidade, ou mesmo criam outras alternativas de entrega, que, quase sempre, são feitas pelos filhos ou parentes próximos.

Acerca da presença e atividades dos moto-taxistas, que não é o foco e objeto investigativo do estudo em tela, podemos perceber que tal segmento de trabalhadores, de certa maneira, está inserido no contexto da informalidade e do trabalho precário, pois constatamos que as jornadas de trabalho são extensas e sem acesso à garantia dos direitos trabalhistas. A partir das 16 entrevistas, realizadas nas cidades supracitadas, depreendemos a crise do trabalho formal no âmbito do desemprego estrutural, a partir do processo de reestruturação e flexibilização do trabalho.

Todavia, observamos algumas questões acerca dessa realidade de trabalho dos mototaxistas, as quais apresentaremos de forma sucinta. Percebemos, a partir das informações contidas nos gráficos 02 e 03 abaixo, as condições de renda, segurança, organização e atividades exercidas antes do trabalho na informalidade.

Perfil parcial dos moto-taxista em Marituba, Santa Bárbara, Benevides e Santa Izabel.



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Assim, essas são as condições mais gerais dos trabalhadores que adentram no mundo do trabalho informal de forma completamente desprotegida, no segmento que procuram garantir sua reprodução social, principalmente na atividade de serviços de transporte, em que os principais instrumentos de trabalho são as motocicletas. Eles enfrentam realidades particulares, já que parte desses trabalhadores se organizam em Associações de Moto-taxistas, e outra parte não busca exercer a atividade de forma regularizada.

Nesse aspecto, o que nos chama atenção é a condição particular das cidades citadas e da atividade dos moto-taxistas nas dinâmicas espaciais, principalmente a questão das estratégias que passam a ser adotadas por tais trabalhadores, como a busca pela regularização como forma de garantir meios de resistência e de reconhecimento no âmbito da legalidade. As nossas observações possibilitaram detectar que parte dos trabalhadores buscam organizações por intermédio da criação de associações. A partir dessas organizações, os trabalhadores passam a empreender suas atividades na legalidade, garantindo serviços com maior segurança e garantias aos usuários, bem como possibilitam meios para que possam legitimar outras alternativas, como: financiamentos; taxas bancárias menores e acessíveis; solicitar serviços de abrigos, que se tornam fixos, garantindo condições melhores no dia a dia de trabalho. A tabela 01 abaixo apresenta algumas dessas informações:

Tabela 1 - Organização, atividade e renda dos moto-taxistas na RMB.

| Organização na atividade | Qtd. | Atividade <i>delivery</i> | Qtd. | Renda média |
|-----------------------------|------|--------------------------------------|------|--------------|
| Associados oficialmente | 10 | Exerce atividade <i>delivery</i> | 06 | R\$ 1.200,00 |
| Associados não oficialmente | 04 | Não exerce atividade <i>delivery</i> | 10 | |
| Não associados | 02 | | | |

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Porém, percebemos que outros trabalhadores do mesmo segmento vivenciam a mesma atividade sem acessarem uma organização formal, a qual é constituída apenas por identificação de grupo, por meio de padronização de uniformes confeccionados por eles mesmos. Por outro lado, há os que trabalham na atividade sem qualquer identificação. Nesse caso, observamos que a atividade é exercida sem qualquer controle, pois alguns, além de não possuírem habilitação, têm motos sem placas, sem pagamento de licenciamentos, ou seja, em condições ainda mais precárias. Esses trabalhadores relataram que muitas vezes têm suas motocicletas apreendidas, multadas etc. pelos sistemas de vigilância de trânsito.

No caso das atividades de entrega, é desenvolvida principalmente pelos que não são associados formalmente, vivenciando condições bastante precárias de trabalho, pois realizam a atividade em motos velhas, sem licenciamento e/ou qualquer garantia de seguridade de trabalho. Esses entregadores recebem, na maioria das vezes, o mínimo para garantir sua reprodução social.

As condições mais específicas dadas pela realidade percebida nos momentos da pesquisa se vinculam às observações da atividade irregular (ou não associada) desses trabalhadores (mototaxistas) na cidade de Marituba, na Avenida João Paulo II. Observamos que um grupo de mototaxistas, o qual desenvolvia suas atividades em abrigo precário, conseguiu uma pequena reforma a partir da contrapartida de comerciantes e empresários locais. Tais comerciantes reformaram o abrigo com o pressuposto de que os trabalhadores contribuíssem com as atividades comerciais locais, pois os pedidos solicitados eram repassados aos mototaxistas cadastrados no referido abrigo para que fizessem as entregas, situação que pode ser percebida através das figuras 02 e 03 abaixo.

Antes e depois da reforma do ponto de moto-táxi.

Figura 02



Figura 02



Fonte: acervo da pesquisa.

DAS DINÂMICAS E PROCESSOS ESPACIAIS: DOS FIXOS AOS FLUXOS NO ESPAÇO METROPOLITANO DE BELÉM - RMB

Propomo-nos compreender, de forma articulada, os rearranjos territoriais que respondem às diversas tramas sociais que simultaneamente expressam a dinâmica do modo de produção capitalista e a materialização da reestruturação produtiva do capital em alguns lugares do espaço metropolitano de Belém, que imprimem os impactos produzidos para o trabalho em uma conjuntura paralisante para a classe trabalhadora, mas nos dá as pistas para procedermos. Thomaz Jr. (2011) reflete e aponta essa realidade, pois tais investigações podem se voltar à compreensão da dinâmica territorial das novas formas de trabalho em um contexto de exploração ampliada, como requisito da valorização do capital na atualidade.

No caso da cidade de Belém, por meio da investigação desenvolvida, podemos verificar que as atividades do comércio de serviços *delivery* e os espaços de maior rotatividade e circulação dos moto-entregadores na cidade de Belém se perfazem através dos logradouros e bairros da escala investigada. Com isso, informamos que as verificações nos bairros citados não seguiram qualquer aleatoriedade no estudo, a pesquisa contou, no ato de desenvolvimento do estudo, com momentos de observação da dinâmica de circulação desses trabalhadores, ao longo de um intervalo de tempo percebidos e apontados no cronograma da pesquisa.

Nesse sentido, os atos de observação na dinâmica dos próprios moto-entregadores, nas cidades que compõem o espaço metropolitano (RMB), permitiu delimitar os melhores espaços de encontros e concentração dos trabalhadores, para que viabilizássemos a coleta de dados por meio da aplicação dos formulários, no âmbito secundário da investigação.

O estudo contou com diversos momentos no âmbito metodológico da investigação, em que a observação se constituiu como etapa inicial, pois, a partir desses primeiros passos

nos possibilitaram perceber como que os fixos, no âmbito da produção e reprodução do capital nos processos espaciais, assim como os meios de exploração, verificavam-se nos fluxos demandados no momento das entregas na dinâmica espacial. Fixos esses que estariam nos bairros verificados.

A observação da circulação dos entregadores no espaço e as conversas preliminares obtidas nesses primeiros instantes da investigação possibilitaram nossa visita e observação nas ruas dos bairros informados pelos entregadores.

Diante disso, percebemos que as vias da cidade de Belém mais propícias para desenvolvermos nossa pesquisa estariam nos bairros citados, principalmente nos logradouros: Avenida Nazaré, Avenida Doca de Sousa Franco, Avenida Duque de Caxias e Avenida João Paulo II, haja vista que elas constituíam, de certa maneira, os principais fixos que exerciam a mediação da condição de trabalho na cidade, os empreendimentos que fornecem *delivery*.

Nesse sentido, a escala verificada no estudo (RMB) tem por base os princípios e procedimentos das ações metodológicas, assim como as delimitações espaciais que suscitaram os maiores fluxos dos moto-entregadores, a partir da delimitação da escala de estudo e, mais especificamente, nos bairros centrais que compõem a nossa verificação. Apontamos essa situação por observarmos que os bairros mais periféricos, que estão presentes na dinâmica de entrega dos trabalhadores, perfazem a compreensão e entendimento dos conceitos de centro, centralidade e policentralidade no âmbito da formação e dispersão da cidade de Belém.

Compreendo que os bairros por si, na lógica da dinâmica do desenvolvimento urbano e das afeições de gentrificação, a produção do espaço se faz e se perfaz, na condição de criação dos seus próprios centros, onde o processo de produção do espaço exteriorizado refletem os ordenamentos da lógica impetrado pelo capital no sentido da sua própria reprodução e valorização.

Os fixos e fluxos, que possibilitam aos entregadores se agruparem e desenvolverem suas atividades, refletem o conceito de gentrificação, verificados através dos processos de transformação urbana que “expulsa” moradores de bairros periféricos e transforma essas localidades em áreas nobres, segregadas e rugosas.

A pesquisa se concentrou nas avenidas citadas uma vez que nossas observações nos possibilitaram apreender que os maiores fluxos e aglomerações desses trabalhadores se constituíam nelas. Essa realidade, de certa maneira, possibilitou elegermos as referidas avenidas como escala fulcral das verificações do nosso estudo, a partir das dinâmicas desses

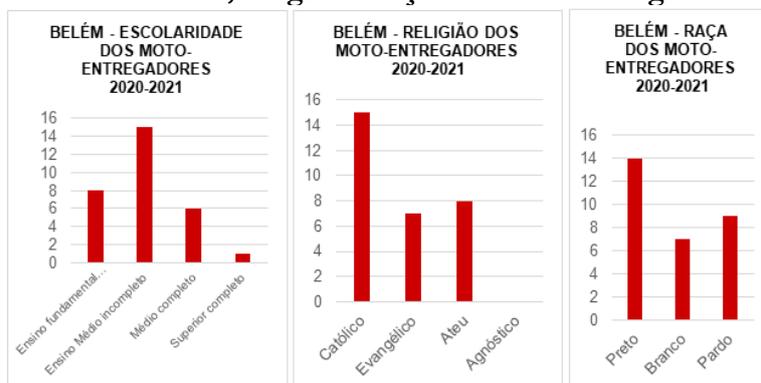
fixos e fluxos, e seus rebatimentos no território usado e praticado, onde as atividades de trabalho se perfazem e imprimem as tendências de exploração e de precariedade dos trabalhadores na cidade de Belém. Isso é bem abordado por Santos (2009) e Ribeiro (2005), o que contribuiu nas reflexões do objeto investigado.

A PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO NO ESPAÇO METROPOLITANO DE BELÉM: A BOLHA DO TRABALHO PRECÁRIO

Para tanto, optamos por apresentar esses dados por meio de gráficos, tabelas e mapas, tendo como eixo mediador as cidades que compõem a dimensão socioespacial da referida região, onde a realização do processo de exploração e de constituição da mais-valia que se realiza, a partir do trabalho abstrato do capital, vem disseminando seus meios de pilhagem, de produção e reprodução. Tivemos como base as apropriações da técnica e da informação, em que a ação dos sistemas algorítmicos subscrevem as relações de exploração, controle e pilhagem do capital, determinando, assim, a realidade do trabalho plataformizado. Nesse sentido, apresentaremos os dados a partir do espaço das cidades de Belém e Ananindeua.

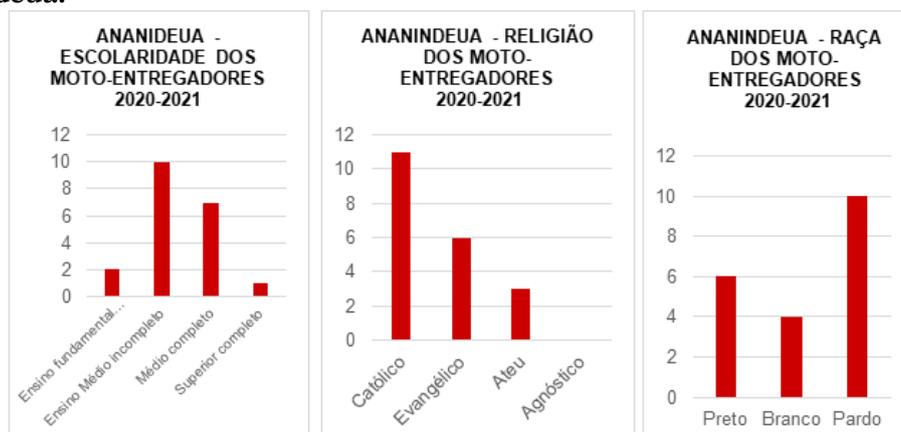
No caso da cidade de Belém, os dados são resultados de entrevistas (roteiro com 8 questões) e formulários (35 questões, perguntas abertas e fechadas), os quais foram aplicados ao público-alvo do nosso estudo (entregadores inseridos na modalidade de trabalho plataformizado). Podemos apontar, preliminarmente, questões gerais presentes nos gráficos 04, 05 e 06 apresentados abaixo, representando as situações de escolaridade, religião e condições de raça, na cidade Belém e os gráficos 07, 08 e 09 também apresentando as situações de escolaridade, religião e condições de raça, na cidade de Ananindeua.

Gráficos 4, 5 e 6 - Escolaridade, religião e raça dos moto-entregadores de Belém.



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Gráficos 7, 8 e 9 - Escolaridade, religião e raça dos moto-entregadores de Ananindeua.



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

A compreensão e apreensão dos dados nos apontam as condições de desigualdades e de exclusão social manifestadas no processo de reprodução do espaço, onde o capital, na sua forma abstrata, consolida e materializa historicamente sua realização e exploração, concretizando, no processo de produção do espaço, as condições mais precárias aos indivíduos e/ou trabalhadores que vivenciam diretamente as consequências do desemprego estrutural. Isso porque, na maioria dos casos, esses trabalhadores apresentam pouca escolaridade, corolário das condicionalidades históricas de pobreza e exclusão social do povo negro desse país.

No tocante aos dados dos gráficos 4 e 7, a religião atenta contra a organização e a luta desse segmento, haja vista que não possibilita de forma direta a organização mais crítica dos trabalhadores, pois obnubila sua indignação e resistência por meio da resiliência. Os relatos percebidos apontaram para refletirmos a letargia e a lentidão da sua emancipação, no caso, os entrevistados atribuíam sua condição precária de trabalho como aprovação divina, e que “se era pra ser assim, que fosse”.

No caso da questão levantada acerca da religião, Honda nos afirma:

– Acho que este trabalho no aplicativo é uma coisa divina, pois não tinha, há algum tempo, atividade nenhuma de trabalho. Quando apareceu a oportunidade do aplicativo foi bom, já estou há um ano e meio nesta atividade. Deus me deu essa moto e estou feliz. (Entregador Honda, 2021).

Por outro lado, como veremos posteriormente, os que se declaram ateus e agnósticos tendem a ser mais combativos, no sentido de darem certa importância às lutas e resistências, para garantir melhores condições de trabalho. Essas informações serão melhor apresentadas por meio de dados de organização política, verificados mais adiante nas tabelas 02 e 03. Não há qualquer apreensão, no sentido de abominar ou questionar qualquer identidade religiosa.

Porém, fazemos referência às amarras que se externam na apreensão da investigação, em razão de percebermos, nas informações prestadas no ato da pesquisa, que há maior resiliência com a condição precária no espaço produzido em meios aos novos processos de exploração plataformizado.

Tabela 2 - Consciência política dos moto-entregadores na RMB.

| Consciência política | Qtd. |
|--------------------------------|------|
| Muito consciente politicamente | 14 |
| Pouco consciente politicamente | 21 |
| Evita participação política | 15 |

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Tabela 3 - Participação dos moto-entregadores (RMB) em manifestações políticas.

| Opinião sobre participação em manifestações públicas | Qtd. |
|--|------|
| Acha importante participar | 20 |
| Não acha importante participar | 17 |
| Não tem nada a ver | 05 |
| Não participa | 05 |
| Já ouviram falar | 03 |

Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

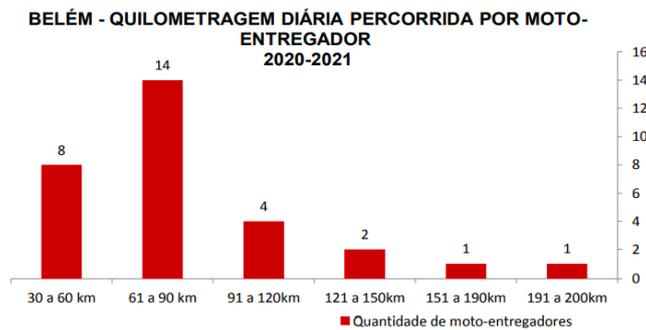
As condições de superexploração dos moto-entregadores na RMB ficam evidentes através dos processos espaciais, quando olhamos para a questão das rotinas e dinâmicas de trabalho. A partir das informações dadas pelos pesquisados, observamos as distâncias percorridas, os números de corridas exercidas diariamente, a quantidade de horas trabalhadas, entre outros elementos que permitem compreender a reprodução social dos trabalhadores envolvidos nesse setor de serviços. Essas informações coadunam com as tratadas no decorrer do referido estudo, quando discorremos sobre as novas composições do trabalho a partir de Antunes (2018), Alves (2011), Thomaz Jr. (2011), e outros estudiosos do tema.

Disso poderíamos sintetizar que o trabalho não está acabando, o emprego sim é que está moribundo. O que está em questão é a eliminação e precarização do posto de trabalho com garantias, com reconhecimento dos direitos sociais e trabalhistas, portador de seguridade social e previdenciária, etc. Como assevera Antunes (1995, p. 78): “Mais fetichizada do que em épocas anteriores, a sociabilidade contemporânea (...) reafirma e intensifica a lógica destrutiva do sistema produtor de mercadorias e a consequente vigência do trabalho estranhado”. (THOMAZ JR.; ANTUNES, 2012, p. 16).

Nessa mesma empreitada das condições mais específicas do trabalho no espaço metropolitano, podemos observar as informações a partir dos gráficos apresentados abaixo, os quais prestam informações de variantes dessa condição de trabalho. Isso nos possibilita entender as dinâmicas da realidade externada na lógica das conformações do trabalho

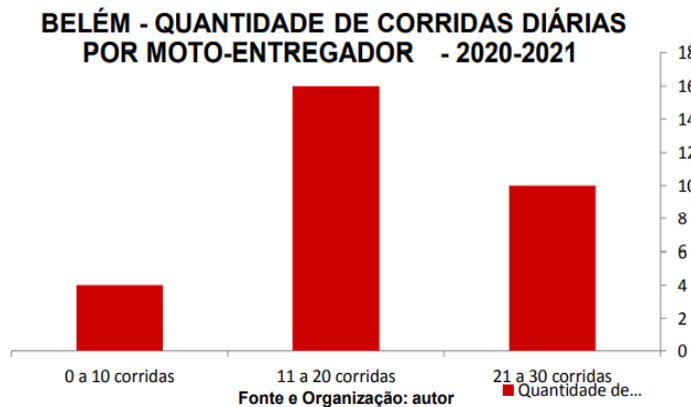
abstrato e das relações de realização do valor, nas cidades de Belém e Ananindeua. Os processos de controle e exploração pelos algorítmicos se apresentam como conceito renovado panóptico do controle dos tempos de trabalho, assim como nova expressão do trabalho por entrega. Os gráficos 10, 11 e 12, abaixo estão relacionados a cidade de Belém, ao passo que os gráficos 13, 14 e 15 refletem os trabalhadores da cidade de Ananindeua, representando o que estamos tentando refletir.

Gráfico 10 - Distância percorrida pelos moto-entregadores em Belém.



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Gráfico 11 - Quantidade de corridas realizadas diariamente pelos moto-entregadores em Belém.



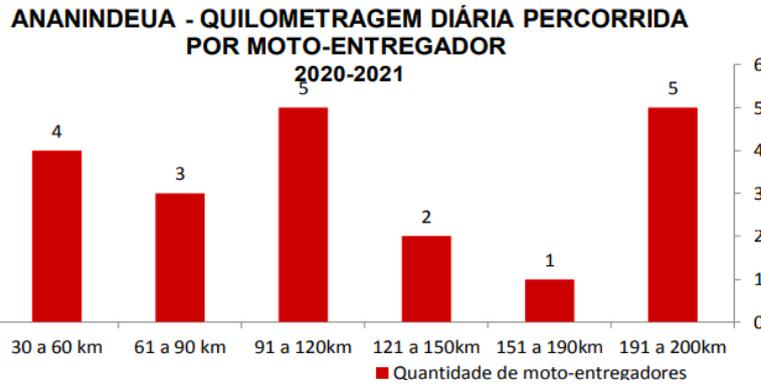
Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Gráfico 12 - Quantidade de horas trabalhadas diariamente pelos moto-entregadores em Belém.



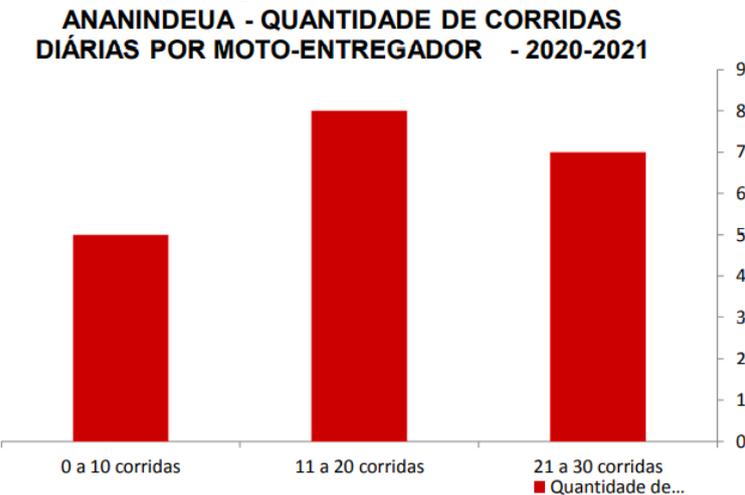
Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Gráfico 13 - Distância percorrida pelos moto-entregadores em Ananindeua.



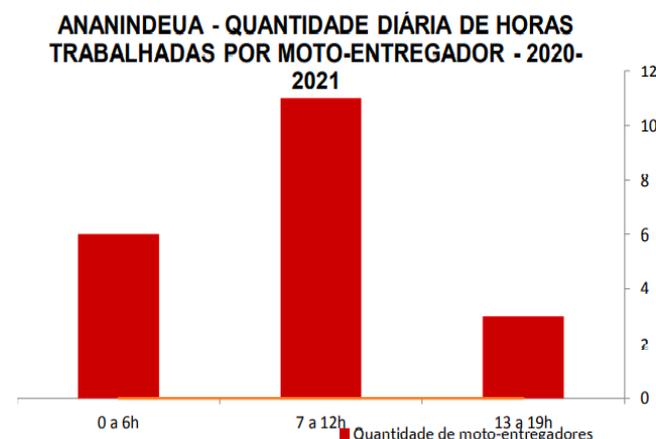
Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Gráfico 14 - Quantidade de corridas realizadas diariamente pelos moto-entregadores em Ananindeua.



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Gráfico 15 - Quantidade de horas trabalhadas diariamente pelos moto-entregadores em Ananindeua.

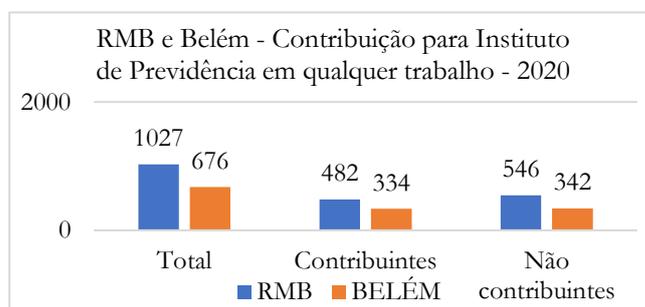


Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

A realidade percebida nos vetores e eixos apontados nos gráficos apresentados expressam as condições extenuantes de trabalho. Quando observamos os grandes percursos que diariamente são exercidos, o número de entregas e a carga-horária diária de trabalho, percebemos os caminhos do completo subjugamento dos moto-entregadores para garantir sua reprodução social, cuja realização se dá na completa perda dos direitos e na exploração praticada, impactando a já precária condição de trabalho e fazendo aumentar exponencialmente os trabalhadores sem direitos, sem registro em carteira e informalizados (THOMAZ JR., 2019, p. 250).

Em relação às condições do dia a dia de trabalho imediato, que possibilitam a reprodução desses trabalhadores, podemos perceber as condições mais gerais dessa realidade. Os dados do IBGE (2020), nos gráficos 16 e 17 seguintes, expressam informações das condições de contribuição previdenciária dos trabalhadores informais no espaço metropolitano de Belém, bem como apontam dados da dinâmica de trabalho diurno e noturno. Informações que corroboram as reflexões acerca dos trabalhadores uberizados que investigamos.

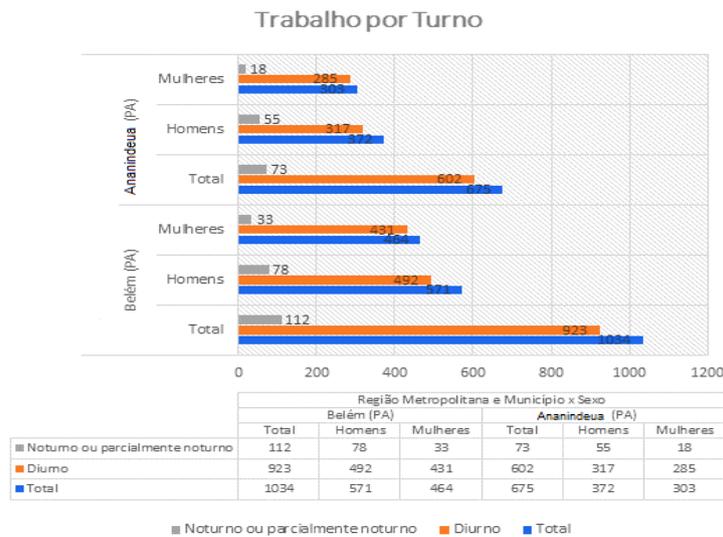
Gráfico 16 - Contribuição previdenciária em Belém/RMB.



Fonte: elaborado pelos autores com base em PNAD/IBGE (2020).

Diante disso, sabemos que a realidade de trabalho dos moto-entregadores – imprimidas nos processos espaciais onde as centralidades determinadas por meio dos elementos de crescimento e dispersão socioespaciais e históricos-geográficos que Saint-Clair (1998) aponta – possibilitaram as ações de vetorização de ocupação e espraiamento da cidade, sejam elas ordenadas e espontâneas. Também passaram a ser absorvidos nas transformações dos processos de ocupação e instrumentalização do capital, nos quais o próprio capital se utiliza das tec-informatização que determinarão os caminhos das condições aviltantes de produção e reprodução do capital.

Gráfico 17 - Gênero e trabalho noturno em Belém e Ananindeua.



Fonte: elaborado pelos autores com base em PNAD/IBGE (2020).

Sendo assim, podemos observar que os desmontes das leis protetivas do trabalho, no âmbito do neoliberalismo, fragilizam não só os direitos, mas também as condições organizativas e de resistências. Nesse viés, as invertidas do processo de Uberização e/ou plataformização, dados pelo prisma no âmbito algorítmico, disseminam esse processo de exploração do trabalho que se reproduz e se multiplica, não só na economia do compartilhamento, como nos processos organizativos da indústria 4.0, na qual a organização do trabalho é mediada também por conceitos algorítmicos, em que a exploração, a mais-valia e o trabalho abstrato seguem o controle da vigília algorítmica.

Em vista disso, faz-se necessário e imperioso compreender que esses novos processos de exploração do trabalho, no qual é crescente o número de moto-entregadores de serviço de *delivery*, legitimam sua sobrevivência em condições cada vez mais precárias e com lembranças da escravização. Na realidade, a caracterização do trabalho escravo não é a mesma do século XIX, isso quer dizer que não encontra eco na definição de senzala. A escravidão deste século está vinculada à persistente vulneração dos direitos sociais e às decorrentes implicações à saúde física e mental de trabalhadores e trabalhadoras expostos a condições cada vez mais precarizadas (THOMAZ JR., 2019).

Como meio de demonstrar as condições degradantes da exploração na atual conjuntura, as quais se exteriorizam no âmbito dos processos de produção espacial e corrobora o que estamos tentando apontar, apresentaremos, a seguir, alguns gráficos que nos possibilitam apreender a especificidade das condições na qual o capital desenvolve suas investidas no espaço metropolitano de Belém, a partir das condições de parte dos indivíduos que sofrem com as altas taxas de desemprego. Como bem aponta o IBGE, o desemprego no

Brasil atingiu a taxa recorde de 14,7% no 1º trimestre de 2021, em meio aos desafios impostos pela piora da pandemia no país, segundo dados divulgados no dia 27 de junho de 2022².

Situações como essa possibilitam explicar a conjuntura atual do crescimento das atividades do setor de serviços, na qual as grandes corporações empresariais se aproveitam das investidas e fragilizações dos direitos, em meio aos processos neoliberais em que há a participação direta das instituições que constituem a República, e nos poderes constituídos, que legitimam os interesses do capital que atenta contra vidas e garantias de trabalho, quando deveriam possibilitar meios dignos de reprodução social dos indivíduos a partir do território. Haja vista que esses trabalhadores sofrem com a insegurança provocada pela lógica algorítmica que se reproduz no território, utiliza-se da lógica neoliberal e mesmo da globalização, provocando altas taxas de desemprego, viabilizando a desterritorialização dos trabalhadores, passando a controlar as reterritorialidades nos processos de trabalho, a partir dos crescentes números de desempregados, os quais têm o trabalho plataformizado como único meio de garantir sua reprodução socioespacial.

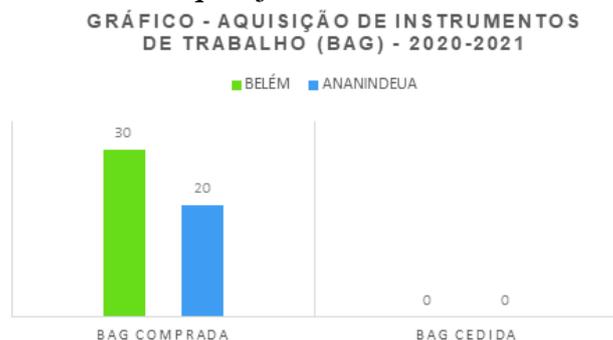
Dentre o grande número de variáveis que abordamos, as quais estavam imersas nos instrumentos de investigação (formulário e roteiros de entrevistas), tentamos apresentar as condições e realidades de trabalho nas plataformas de aplicativos relacionadas ao setor de *delivery* no espaço metropolitano de Belém. Os gráficos a seguir permitem visualizar essa realidade, demonstram as relações e processos de exploração e dos baixos ganhos de renda, assim como os custos para que esses trabalhadores consigam possibilitar a reprodução social de sua condição de trabalho no espaço.

A respeito da aquisição das *bag's*³, como podemos observar nas cidades de Belém Ananindeua, observamos, na totalidade da amostra constituída, que todos os investigados obtiveram tal instrumento de trabalho por meio da aquisição própria, pois não é fornecida gratuitamente pelos aplicativos, realidade percebida no gráfico 18, abaixo. Isso sem contar que os demais instrumentos de trabalho e de segurança, como as motos e bicicletas, sua aquisição, manutenção e combustível é de inteira responsabilidade dos condutores.

² <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

³ Mochila que serve para os moto-entregadores acondicionarem os pedidos (alimentos) solicitados nos aplicativos nos quais os entregadores estão vinculados (*Ifood, Rappi, Uber Eats*, etc).

Gráfico 18 - Meio de aquisição do instrumento de trabalho (bag).



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Em relação a média de renda, obtida pelos trabalhadores no decorrer das jornadas extenuantes de trabalho, onde às informações de horas diárias de trabalho, números de corridas e percursos diários de trabalho, que ao final da jornada mensal de trabalho, possibilitam as medias de renda representadas no gráfico 19 abaixo.

Gráfico 19 – Ganho mensal dos moto-entregadores (RMB).



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Percebemos que tais valores representam a renda constituída para legitimar meios de sobrevivência e de reprodução social de grupos familiares, os quais giram em torno de dois a cinco membros, ou seja, essa é a renda que “garante” os demais “acessos e bens” no espaço, onde a realidade das dinâmicas de suas identidades territoriais não contam, na sua grande maioria, com redes de serviços coletivos e/ou equipamentos públicos, pois, estão imersos na realidade da exclusão e segregação socioespacial. Logo, suas identidades territoriais se vinculam aos vetores de dispersão irregulares, como aponta Sant Clair (1998), os espaços de “invasões” são vetores da expansão que constituiria o espaço metropolitano. Realidade que demonstra também a precariedade de acesso à rede de serviços coletivos.

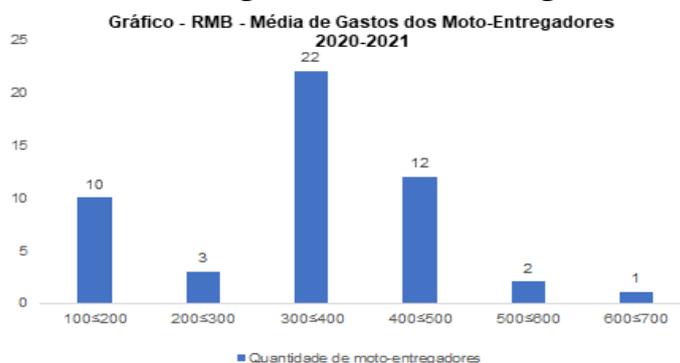
Ainda sobre essa realidade, podemos apontar os dados apresentados no gráfico 20, uma vez que a pesquisa possibilitou refletirmos, em nossos intentos metodológicos, a questão das condições da reprodução das atividades no espaço, pois determinam gastos

imediatos à sua realização. Logo, a atividade em si realiza-se a partir dos gastos perenes e que impactam diretamente nos ganhos mensais. Se nos voltarmos para os dados impressos na representação abaixo, perceberemos que os ganhos mensais são profundamente impactados nos processos de produção do espaço, no qual essas condição de trabalho se realiza.

As médias de ganhos expressadas no gráfico 19 em todas as variáveis de ganhos constituídas passam a ser impactadas. Se verificarmos que os ganhos dos moto-entregadores giram entre R\$ 2.000,00 e R\$ 2.500,00, e os gastos mensais entre R\$ 300,00 a R\$ 700,00 (gráfico 19), evidencia-se uma realidade que compromete profundamente a renda, impactando nos acessos de consumo dos grupos familiares dos moto-entregadores.

Dentre as múltiplas características que podemos observar neste estudo, encontramos as dificuldades mais evidentes, vinculadas objetivamente ao território, passando principalmente pelos problemas do trânsito, conectados às condições das vias públicas (avenidas, travessas e ruas), haja vista que, segundo os relatos dos entrevistados, quase sempre estão em condições precárias de trafegabilidade (falta de manutenção), devido à grande circulação de veículos e de acidentes frequentes.

Gráfico 20 – Média de gastos dos moto-entregadores da RMB.



Fonte: elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Além desses transtornos, percebemos questões vinculadas às dificuldades nas entregas, principalmente nos condomínios (horizontais e verticais), pois os trabalhadores são frequentemente impedidos de transitarem com seus instrumentos de trabalho. No caso dos condomínios horizontais, são proibidos de entrarem com seus veículos, tendo, na maioria das vezes, que realizar as entregas caminhando; no caso dos condomínios verticais, há casos em que eles também precisam fazer as entregas nos apartamentos, passando por frequentes constrangimentos. Essa é a realidade precária do trabalho e da vida daqueles que “vos serve” dia a dia!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Necessitamos compreender como o processo de precarização reflete diretamente na questão do crescimento do setor de serviços, pois o decréscimo dos postos de trabalho, acarretados por todo o processo de automação, do trabalho polivalente, do trabalho parcial, do trabalho assalariado, sem as garantias legais e com o crescente desemprego em escala estrutural, deram-se por meio do processo de desregulamentação, refletidos no escopo do texto.

Mediante as situações expostas, lembramos de uma analogia feita por Antunes (2006) sobre a passagem na qual Marx (1986) afirma que a manufatura separou o trabalhador dos meios de produção, assim como quem aparta o caracol de sua concha. Antunes (2005), em sua obra intitulada *O caracol e sua Concha*, interpõe que o grande desafio da sociedade moderna é recuperar, em bases totalmente novas, a indissolúvel unidade entre o caracol e sua concha, já que tal molusco não consegue sobreviver sem sua proteção natural.

Nesse sentido, a realidade perpetrada nas configurações da tecnologia, comunicação e informação, são determinantes da condição e composição orgânica do capital, assim como nas suas relações entre trabalho produtivo e improdutivo, manual e intelectual, material e imaterial. Os trabalhadores moto-entregadores, os quais, aparentemente, são os proprietários de seus instrumentos de trabalho, necessitam compreender que isso não os determina como novos empreendedores e/ou trabalhadores livres.

Dessa forma, as lutas que necessitam ser travadas são inexoráveis e determinantes para concretamente reposicionarmos a concha. Principalmente quando nos deparamos com as promulgações das Leis nº 13.429/2017 e nº 13.467/2017, as quais orientam definitiva e legalmente a terceirização irrestrita, e alteram, em grande medida, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), produzindo a denominada reforma trabalhista e a terceirização das atividades fins.

O debate da questão dos processos de trabalho no tocante à práxis social de sua realização por condições mais dignas de sua reprodução socioespacial, são lutas necessárias nas dinâmicas do território, pois o capital e os sentidos fixados nos processos espaciais, promovem rotineiramente retaliações e degradações da condição de sobrevivência do trabalho e da vida no processo espacial. Resistir às condições de acinte do capital, na atualidade, faz-se urgente, pois os modos operantes de exploração e pilhagem do capital plataformizado se externam por meio do setor de serviço, corroendo e iludindo a ação do valor trabalho, dos trabalhadores de aplicativos, no trabalho e fora dele.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório: o novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha. **Estudos do Trabalho**, n. 8, 2011.
- ANTUNES, R. L. C. (org.). **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.
- ANTUNES, R. L. C. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, R. L. C. **Uberização, Trabalho digital e Indústria 4.0** (org.). São Paulo: Boitempo, 2020.
- BORGES, Â. Mercado de trabalho: mais de uma década de precarização. *In*: DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia (orgs.). **A perda da razão social do trabalho**: terceirização e precarização. São Paulo: Boitempo, 2010.
- CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (orgs.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução Rosa Camargo Artíngas e Reginaldo Forti. São Paulo: Global, 1985.
- FILGUEIRAS, L.; DRUCK, G.; AMARAL, M. F. do. O conceito de informalidade: um exercício de aplicação empírica. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 41, p. 211-229, maio/ago. 2004.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARX, K. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- MARX, K. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, l. 3, v. 6.
- MOREIRA, R. As novas noções do mundo (geográfico) do trabalho. *In*: **Ciência Geográfica**, Seção Bauru/AGB, v. 3, n. 20, set./dez. 2001.
- MOREIRA, R. Os períodos técnicos e os paradigmas do espaço e do trabalho. *In*: **Ciência Geográfica**, Seção Bauru/AGB, v. 2, n. 16, maio/ago. 2000.
- RODRIGUES, J. C.; RODRIGUES, L. L. (Re)estruturação da cidade e as novas expressões de centralidade urbana na cidade de Ananindeua, Amazônia Paraense. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 81, p. 106-126, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/55203>.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnicas e tempos, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SLEE, T. **Uberização**: A nova onda do trabalho precarizado. Tradução João Peres. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar.

THOMAZ JR., A. A geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI. **Pegada** v. 4, n. 2. nov. 2003.

THOMAZ JR., A. A (des)ordem societal e territorial do trabalho. (Os limites para a unificação orgânica). In: OLIVEIRA, A. U.; MARQUES, M. I. M. (Org.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela, 2004. p. 71-85.

THOMAZ JR., A. Degradação Sistêmica do Trabalho no Agrohidronegócio. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, 2017.

THOMAZ JR., A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI**: (Limites explicativos, autocrítica e desafios teórico. 2009. 997 p. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

THOMAZ JR., A. Novos territórios da degradação sistêmica do trabalho em tempos de desproteção total e inclusão marginal institucionalizada. **Terra Livre**, v. 1, p. 197-240, jan./jun. 2019.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Por trás dos canaviais**: os nós da cana. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

TRINDADE JR., S. C. C; BARBOSA, E. J. S. Reestruturação metropolitana na Amazônia oriental: empreendimentos econômicos e dispersão urbana na área de influência imediata de Belém. **GEOUSP – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 2, p. 349-363, 2016. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/122703>.

Submetido em julho de 2022

Aceito em outubro de 2022